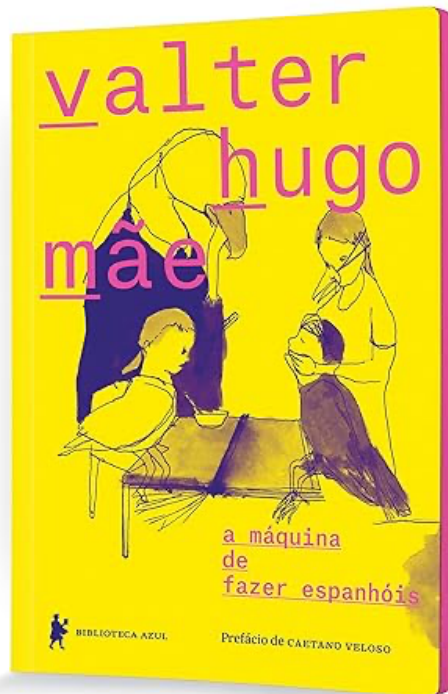


**Luto na Terceira Idade:
Um comentário sobre o livro “A Máquina de Fazer Espanhóis”**



Guilherme Humberto do Nascimento Crema

Sinopse: O livro relata a história, na primeira pessoa, do narrador e personagem principal, António Jorge da Silva, um barbeiro reformado de 84 anos e que, logo no primeiro capítulo, perde a sua companheira e esposa Laura com quem viveu durante quase 50 anos, sendo que após a morte da sua esposa a sua filha o coloca, contra a sua vontade, em um asilo apelidado “Feliz Idade”, descrito como opressor e rodeado por um cemitério. Apesar de ter como tema principal a velhice, acompanhado da solidão, da morte e do sentimento de abandono de António Silva, através de várias conversas e do resgate de memórias entre os seus colegas no asilo, este livro aborda também temas como o salazarismo e essa época que os idosos do Feliz Idade passaram, sendo que, primeiramente, o livro iria ter como título “o fascismo dos bons homens”.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma resenha do livro “A máquina de fazer espanhóis”, do escritor português Valter Hugo Mãe e, a partir de olhares pontuais sobre a trama, conduzir reflexões sobre o luto na terceira idade. Valter Hugo Mãe é um escritor português de 53 anos e “A máquina de fazer espanhóis” é o seu quarto romance, publicado em Portugal em 2010. O livro, premiado na época com o atual Prêmio Oceanos, ajudou a canonizar seu escritor como uma das grandes vozes atuais da língua portuguesa, sendo relançado no Brasil com prefácio de Caetano Veloso na edição da editora Biblioteca Azul, edição essa que me chegou às mãos e aos olhos. Ainda não havia lido Mãe, embora tivesse grande curiosidade de o fazer. A experiência foi impactante e, analisando com o olhar da gerontologia social, escolhi focar no processo de luto da protagonista para refletir sobre alguns trechos da obra.

Desenvolvimento

“A máquina de fazer espanhóis” narra, em primeira pessoa, a história de António Silva, um homem de 84 anos que perde a esposa, Laura, e é internado contra sua vontade em um lar de idosos. Logo na primeira página somos colocados junto do protagonista em uma sala de espera, onde aguardamos para saber o destino de Laura. É ali, conversando com um atendente do hospital, que António Silva inicia reflexões acerca da existência, que permearão o livro e que por diversas vezes cruzam questões do envelhecimento. Quando o médico informa que a esposa terá de passar a noite no hospital e ele pode retornar à sua casa, António pensa:

“mas não posso voltar para casa sem ela. não a posso deixar aqui sozinha. não estaria sozinha. estaria sozinha de mim, que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo. e isso nunca aconteceu. não, em quase cinquenta anos de casados, nunca aconteceu.” (Mãe, 2010, p. 29).

Após essa demonstração de afeto aliada à dependência criada pelo longo tempo que vivem juntos, ele contradiz o status quo que afirma que o amor finda com - o cotidiano, os problemas financeiros, os desentendimentos e desavenças, a criação dos filhos – o envelhecimento, ao declarar sobre a esposa:

“cheia de defeitos nas ideias, mas amorosa, tão equivocada e falível, mas amorosa, já velhinha e sem préstimo, mas amorosa. (...) sábia pela dedicação de sempre e pela generosidade e glória da idade. (...) eu ia tomar chá sozinho, adorando as nossas brigas de namorados. tão imaturos quanto os mais jovens. tão feitos um para o outro quanto possível. já conhecedores dos caminhos das pedras que, ao fim de uma ou duas horas, nos levaria novamente ao coração um do outro com mimos e promessas de eterno amor”. (Mãe, 2010, p. 32)

O fato é que António Silva desafia estigmas do envelhecimento. Ele, mesmo após 50 anos de casado, ainda expressa ternura e cuidado ao falar da esposa. Isso nos impacta quando, duas páginas após essa declaração de amor, recebemos a notícia da morte de Laura.

A perda do cônjuge na terceira idade gera um impacto que abala as estruturas físicas e mentais da pessoa idosa. A ausência da pessoa com quem partilhava a experiência de estar no mundo é também a ausência de uma parte da vida do indivíduo. A perda da rotina moldada nesses anos de convivência e as reflexões desencadeadas pelo luto desestruturam a maneira como a pessoa enxerga a si mesma e o significado da própria existência, sendo um processo mais impactante do que se vivido em outra fase da vida.

Oliveira e Lopes no artigo “O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho” afirmam:

“O luto é a fase da expressão dos sentimentos decorrentes da perda, a qual se demonstra por choque, desejo, desorganização e organização. (...) A fase do choque pode durar horas ou dias, constituindo-se de desespero, raiva, irritabilidade, amargura e isolamento. Tais sentimentos podem se manifestar por atitudes emocionais intensas e passam a ser expressos contra todo aquele que venha a compartilhar o luto, como uma manifestação de defesa, pois a aceitação desses sentimentos reafirma a perda.” (Lopes; Oliveira, 2008, p. 217-221)

António Silva, imerso na fase do choque, pensa que:

“com a morte, também o amor devia acabar. (...) o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutria pela pessoa que deixou de existir. (...) esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder”. (Mãe, 2010, p. 35).

A sua revolta é com a própria lógica da perda e com o amor que ainda sente, sendo o sentimento latente, o algoz que insistentemente reafirma sua perda.

Ainda neste estado avassalador, António Silva é levado contra sua vontade ao lar Feliz Idade. De posse somente de dois sacos de roupa e um álbum de fotografias ele chega ao lar, onde na mesma tarde levam o álbum pois acreditam que ele serviria apenas para cultivar a dor de perder a mulher. Tanto a internação, que o priva do contato com a casa onde moraram e os lugares que frequentavam, quanto a privação das fotos que podiam o conectar com as memórias da esposa e dos 50 anos que compartilharam, impedem Silva de viver a fase do desejo, que é “um forte impulso de busca pela figura perdida. Nela ocorre um estado de vigília, de movimentação para os locais onde a pessoa normalmente estaria (...) se ela é procurada, ela não morreu.” (Lopes; Oliveira, 2008, p. 217-221).

Nesse momento, ao invés do afastamento da vida que leva, a pessoa idosa necessita

de uma rede de apoio que compreenda o fardo com ela está lidando.

“O enlutado tem uma tarefa dolorosa e difícil para realizar, que não pode ser evitada nem apressada. A verdadeira ajuda consiste em reconhecer o fato e permitir que ele se organize para que fique disponível para elaborar a perda”. (Parkes, 1998, p. 205).

Silva sofre com a sobrecarga emocional ao lidar, além do luto, com a sensação de abandono decorrente do asilamento, e ainda se depara com o sentimento de ser um invasor no luto dos outros pacientes do lugar, que choravam a morte da senhora que habitava o quarto que ele veio a ocupar. Essa atitude mostra a empatia que ele é capaz de sentir mesmo no momento que ele próprio mais necessita de uma atitude empática, gerando uma reflexão acerca da condição das pessoas idosas que ocupam o Feliz Idade, e da postura antissocial e amargurada em que ele próprio se encontra:

“não entendia ainda o quanto a minha posição podia ser arrogante, sem querer falar, sem querer grandes contactos, e o quanto a posição deles era já a de iguais, ligados uns aos outros pelos destinos tão inevitáveis e equiparados que agora cumpriam.” (Mãe, 2010, p. 43)

Apesar das dificuldades que encontra na nova realidade, gradativamente ele vai cedendo ao encontrar no lar de idosos demonstrações de acolhimento e cuidado que necessita, sem invasões na sua privacidade e dor, mas com compreensão e paciência. Essa é a postura de Américo, o cuidador que todas as manhãs abre as cortinas do quarto de Antônio e o acorda com bom humor.

“fiquei imediatamente convencido de que não poderia ser impostor com ele. com ele não. (...) na entrega daquele homem, logo ali, (...) percebi os seus olhos e tive a certeza de que, num momento mais avançado, aquele homem sofreria por mim”. (Mãe, 2010, p. 45)

O processo do luto é uma constante durante o livro, sem haver uma conclusão ou uma superação sobre o sentimento da perda, mas com uma ressignificação do fato. Antônio Silva encontra na relação com os outros pacientes e com os funcionários do lugar uma justificativa para sua existência, em um processo que, apesar de lento e dolorido, o leva a rever a vida que ainda tem pela frente. Essa é a fase da reorganização, que “caracteriza-se pela aceitação da perda definitiva e pela consequente constatação de que uma nova vida precisa ser iniciada” (Lopes; Oliveira, 2008, p. 217-221).

Nesse momento Antônio toma coragem e pela primeira consegue ir ao túmulo de Laura, revisitando em memórias e conversas a vida que viveram e o que ela representava para ele. Assim, suas vivências no lar cumprem o papel que, segundo Parkes, deveria ser desempenhado pela família:

(...) é essencial que a família tenha tolerância para com o idoso enlutado e, principalmente, que desenvolva a comunicação e o

compartilhamento de sentimentos sobre a perda, buscando contornar a ruptura do equilíbrio familiar. Este ajustamento das condições externas favorece o ajustamento das condições internas e de crenças, permitindo ao idoso seguir em frente ao invés de, inconscientemente, escolher morrer. (Parkes, 1998, p. 227)

Ao longo da narrativa Antônio Silva repensa também atitudes de cunho moral, político e filosófico que tomou durante a vida, passando pelas fases de seu luto sem renunciar suas dores. Por fim, assume uma postura combativa que o dá forças para seguir adiante, enquanto também luta contra a velhice que lentamente o incapacita:

“(...) não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos de nos rebelar aqui e acolá, caramba, temos de estar a postos para alguma retaliação, algum combate, não vá o mundo pensar que não precisa de tomar cuidado com as nossas dores.” (Mãe, 2010, p. 87)

Considerações finais

Ler “A máquina de fazer espanhóis” foi como viajar à minha própria velhice e me deparar com os futuros problemas decorrentes da idade. A solidão, o abandono e o luto decorrentes da perda de cônjuge e do asilamento, e o lar de idosos como um lugar ambíguo em suas falhas e acertos, trazem diversos questionamentos que podem ser pensados e trabalhados. Conduzido com a prosa poética e irônica de Mãe, o livro é capaz de mudar nossa visão do envelhecimento, e questionar estigmas antigos, mas que ainda fazem parte da nossa sociedade.

Referências

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; OLIVEIRA, João Batista Alves de. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicol. estud.* Maringá, v. 13, n. 2. 2008.

MÃE, V. H. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2010.

PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

Data de recebimento: 13/12/2024; Data de aceite: 20/06/2025

Guilherme Humberto do Nascimento Crema - Escritor e assessor de imprensa. No Sesc Bento Gonçalves/RS, atua como facilitador de grupos e produtor cultural. Email: gkrema@sesc-rs.com.br